

reza da coleção de que faz parte, o livro, aliás muito bem apresentado, não se destina precipuamente aos especialistas em estudos etnológicos e mitológicos, mas a um público menos restrito e de interesses mais literários, o que não quer dizer que nêles o cientista não encontre material e informações de valor. Com efeito, Baldus apresenta, além de mitos mais ou menos bem conhecidos, alguns textos inéditos, por êle próprio registrados em suas excursões etnológicas pelo interior do Brasil. Além disso, concentrou a sua escolha em versões ainda não divulgadas em língua alemã, abrindo exceção apenas para dois mitos por êle anteriormente comunicados em publicações especializadas. E' bastante razoável êste critério de seleção, também usado, embora com menor rigor, na coletânea de Brandenburger, há uns quarenta anos. A relativa limitação dêle decorrente não é muito prejudicial, porquanto o acervo de material mitológico de nossos índios até hoje desconhecido aos leitores de língua alemã já é bastante copioso para permitir a composição de um quadro, se não sistemático, ao menos bem variado da mitologia indígena do Brasil, em consonância com os objetivos e o caráter da série "Das Gesicht der Völker". Demonstra-o o êxito obtido na organização da presente coletânea.

Não é fácil, aliás, a classificação dos mitos primitivos de acôrdo com um sistema lógico. Qualquer princípio rígido que se queira aplicar se invalida desde logo em face das numerosas formas ambíguas ou intermediárias assumidas pelos textos. Compreende-se, por isso, que Baldus não se detenha com o problema, dividindo sumariamente a sua coleção em "mitos", "histórias de heróis civilizadores", "contos etiológicos", "estórias" ("Märchen"), "narrativas populares" e "histórias de animais". Empregada sem a pretensão de validade científica, tal classificação serve contudo ao propósito prático de ordenar o material. E' quanto basta.

Na introdução ao volume não se discutem os problemas de teoria e método com que se defronta o estudo da mitologia indígena. Baldus preferiu desenvolver para o leitor, que de modo geral não se interessaria mesmo por questões teóricas, um quadro sumário das culturas tribais do Brasil, insistindo de preferência, como convém, na extraordinária multiplicidade de formas nelas existente e nas transformações a que estão sujeitas em consequência dos contactos com representantes do mundo ocidental. De permeio esboça também, em traços rápidos, o desenvolvimento histórico das investigações relativas à nossa mitologia indígena, lembrando não possuímos ainda nenhum manual ou compêndio em que estejam sistematizados os conhecimentos esparsos em pequenos e numerosos trabalhos de análise e comparação. Ninguém mais indicado do que êle próprio para empreender a difícil tarefa e executá-la com penetração e proficiência.

Das notas finais que acompanham a cada um dos textos depreende-se que o organizador do livro deseja vê-lo bem enquadrado no conjunto de sua obra etnológica, já muito volumosa. Daí por certo a freqüência com que se refere a seus trabalhos anteriores e a idéias nêles expostas. São interessantes sobretudo os comentários aos mitos por êle próprio obtidos, em língua portuguesa, entre os Karajá, os Terêno e os Kaingáng. As indicações bibliográficas, que não sobrecarregam o volume, são precisas, criteriosas e suficientes para orientarem o leitor que tenha vontade de se aprofundar na matéria. De um dos textos até agora inéditos, uma versão da "corrente de flechas", o organizador infelizmente se esqueceu de mencionar o nome da tribo em que o colheu. Por informação verbal sabemos, porém, tratar-se dos Kaingáng de Guarita (Rio Grande do Sul).

Por fim, cumpre destacar o esforço, bem sucedido, de verter as narrativas para uma linguagem literária moderna, sem com isso sacrificar demais a sua feição primitiva. E, ao contrário do que ocorreu com o seu livro similar em língua portuguesa ("Lendas dos índios do Brasil", editado em 1946), Baldus teve desta vez um certo cuidado em omitir mitos com passagens muito rudes ou obscenas, de modo que o volume pode ser recomendado também a leitores juvenis.

Egon Schaden

CARL TROLL (Herausgeber): **Grosser Herder Atlas**. Herders Bildungsbuch, Atlasband, Die Erde des Menschen: Natur- und Kulturlandschaften. XIV + 792 págs., com 202 mapas, 32 pranchas e numerosas fotografias e tabelas. Verlag Herder. Friburgo, 1958.

Esta magnífica obra representa uma das grandes realizações editoriais dos últimos anos. É um compêndio geográfico moderno, elaborado por uma equipe de 150 cientistas da Alemanha e de outros países. Divide-se em três partes principais: um atlas cartográfico, uma secção de fotografias de paisagens naturais e culturais e uma série de 126 pequenas monografias corográficas. Seguem-se uma secção de tabelas e dois índices finais alfabéticos com mais de 80.000 nomes e termos. Concebido como volume complementar da grande enciclopédia da mesma casa editôra, o "Grosser Herder Atlas" não se destina, porém, exclusivamente aos geógrafos, apresentando-se, ao contrário, como obra de difusão de cultura científica em alto nível, tornando os conhecimentos acessíveis a qualquer pessoa de formação intelectual. No prefácio, Carl Troll define bem este objetivo como sendo o de "proporcionar cultura relativa à diferenciação espacial da superfície da terra, na qual o gênero humano se originou e desenvolveu, estruturando-se em grupos sociais, povos e comunidades lingüísticas, religiosas e políticas, e que, por seu turno, no curso da história da civilização, foi transformada em múltiplas paisagens culturais". Trabalho dessa envergadura só poderia ser levado a termo por um conjunto de especialistas em toda uma série de ciências naturais e humanas, especialistas capazes de sistematizar os conhecimentos essenciais em mapas, quadros e textos concisos e bem ilustrados, a fim de que não se sacrificasse a visão de conjunto à riqueza das minudências. Com efeito, os mapas temáticos, que somam 125 ao todo, correspondem, em sua totalidade, a um justo meio-térmo entre a elaboração pormenorizada e o esboço esquemático, de modo a permitirem orientação rápida e bastante segura. O mesmo cumpre dizer dos textos que formam os pequenos ensaios corográficos. Está de parabens o Professor Troll por ter conseguido integrar com eficiência a colaboração de equipe tão numerosa e heterogênea, sem cercar demais a personalidade científica de cada um dos autores.

Do ponto de vista técnico, os mapas de geografia física constituem uma inovação. São feitos por um moderno processo patenteado que permite uma nítida representação plástica do relêvo junto com abundante indicação dos nomes de acidentes geográficos. Mas também as cartas temáticas e a reprodução das fotografias correspondem a um alto padrão. Quanto aos mapas regionais, compreende-se que sejam em escala maior os relativos à Alemanha (em sua maioria de 1:1000.000), embora a escala dos restantes seja suficiente para as necessidades normais.

Por amplo que seja o número de assuntos abrangidos por uma publicação dessa natureza, ela não pode, entretanto, satisfazer as exigências de

todos os especialistas. Entre os mapas temáticos, por exemplo, o antropólogo desejaria encontrar um que mostrasse a distribuição racial da humanidade. Por sua vez, os mapas etnográficos cobrem apenas a Europa, a Ásia e a América do Sul, o que é lamentável, embora haja, em compensação, algumas cartas especificamente lingüísticas, entre elas uma dos idiomas africanos, muito bem feita, ainda que um tanto sumária. Mais numerosas e minuciosas são as que se referem à geografia física e econômica, elaboradas sobre a base dos dados estatísticos e informes mais recentes. De acordo com o caráter da área ou do país abrangido, os mapas econômicos apresentam ora a estrutura agrária, ora a mineração e a indústria, ora outras atividades extrativas ou produtivas de importância. Quando necessário, desdobram-se em dois ou mais, distinguindo-se, por exemplo, entre os que informam sobre as riquezas minerais existentes ou conhecidas em determinado país e os que indicam a sua exploração atual. Como é natural, as cartas históricas se referem em sua maioria ao passado da Europa, mas há também os que proporcionam uma visão diacrônica de aspectos da vida cultural e política de outros territórios; uma, por exemplo, que representa a exploração e a colonização do continente sul-americano, e duas que mostram, respectivamente, a expansão e o desmembramento do império otomano. — Em conjunto, pois, um quadro vivo e variado da existência humana na superfície da terra.

Todos os mapas temáticos, salvo os de informação ou orientação mais geral e os que se referem aos recursos naturais e à industrialização da União Soviética, trazem o nome do cientista responsável. Também os ensaios monográficos vêm todos assinados pelos respectivos autores.

Uma ressalva final. O autor deste comentário colaborou no "Grosser Herder Atlas", contribuindo com um pequeno mapa etnográfico da América do Sul. A êle evidentemente não poderia estender-se o que de positivo foi dito acima. Cabe, ao contrário, antecipar uma das observações críticas que talvez venham a ser feitas. Diz respeito ao emprêgo da expressão "primitiver Hackbau" (primitiva lavoura de enxada) com referência à economia de determinadas tribos de índios. Embora desde E. Hahn certos autores designem sumariamente com o termo "Hackbau" as formas mais rudimentares da lavoura, talvez fôsse preferível não aplicá-lo ao cultivo do solo dos indígenas brasileiros, entre os quais era raríssimo ou talvez mesmo inexistente o uso da enxada.

Egon Schaden

LEONHARD ADAM und HERMANN TRIMBORN (Herausgeber): **Lehrbuch der Völkerkunde**, 3a. edição, refundida. Ferdinand Enke Verlag, Stuttgart, 1958, VII + 303 págs., 13 pranchas com ilustrações, 1 mapa e 8 pranchas com notas musicais. (Preço: broch., DM 36. —; encad., DM 39.20).

De há muito se fazia sentir a necessidade de uma reedição atualizada deste conhecido manual de Etnologia. A segunda, de 1939, estava esgotada havia vários anos e ressentia-se, ademais, de vícios e restrições decorrentes do regime político então reinante na Alemanha.

Em suas linhas gerais, não se alterou o plano da obra. Mas alguns capítulos foram inteiramente reescritos, em parte por autores que não figuravam na edição anterior. Desta vez, a introdução, sobre objeto e método da Etnologia, ficou a cargo de H. Trimborn, capítulo a que L. Adam e F. J. Micha acrescentaram algumas páginas sobre técnicas das ciências

naturais aplicadas pelo etnólogo. R. Thurnwald se incumbiu, uma vez mais, de escrever sobre a mentalidade e a organização social dos povos primitivos. J. Haekel trata da religião, F. Hermann da poesia, M. Schneider da música e L. Adam das artes plásticas entre as populações de organização tribal. G. Deeters discute problemas metodológicos de lingüística, L. Adam expõe os princípios do estudo do direito primitivo, K. Dittmer resume a situação atual dos nossos conhecimentos sobre a economia das populações tribais, ao passo que a H. Nevermann coube apresentar uma sinopse das múltiplas manifestações ergológicas e tecnológicas das culturas investigadas pelo etnólogo. Seguem-se um capítulo suplementar sobre o futuro dos povos primitivos (D. Westermann, L. Adam e U. Oberem), uma lista das mais importantes publicações periódicas e séries de monografias indispensáveis ao especialista (W. Fröhlich) e, por fim, uma relação dos museus etnográficos existentes no mundo (W. Fröhlich, com a colaboração de J. Bolz e W. Stöhr).

Realização de uma equipe competente, o compêdio proporciona uma visão sistemática da Etnologia moderna, caracterizada por uma apresentação a um tempo seletiva e de síntese e sem o sacrifício da necessária informação enciclopédica. O esforço consciente de salvaguardar a personalidade científica de cada um dos contribuintes prejudica um tanto a integração das diferentes partes da obra, mas tem a vantagem de fornecer ao leitor exemplos bem instrutivos da variedade dos pontos de vista hoje adotados no tratamento dos assuntos etnológicos e dos problemas metodológicos decorrentes da coexistência de orientações teóricas díspares e por vezes contraditórias. De modo geral, o texto vem de encontro à necessidade de informações claras, concisas, precisas e objetivas, como à de esquemas classificatórios que permitam ao etnólogo determinar o lugar dos elementos particulares dentro de contextos mais amplos. Por outro lado, é compreensível que, em vista da extraordinária complexidade dos assuntos, os colaboradores, cada qual de acordo com o seu plano de exposição e a limitação de espaço, tenham focalizado de preferência tais ou quais aspectos e problemas em detrimento de outros, talvez não menos importantes. E compreende-se também que, salvo um ou outro, explorem sobretudo, nos respectivos textos, as fontes em língua alemã, embora não se deixe de reconhecer que as referências bibliográficas no final de cada capítulo revelam (em grau muito maior do que na edição anterior) um louvável empenho de superar as barreiras nacionais ou idiomáticas e de dar o devido valor à literatura etnológica internacional. Na medida do possível, ficou reduzido ao mínimo o emprêgo de terminologia técnica de difícil compreensão ao principiante, que confere a tantos compêdios um caráter de esoterismo prejudicial.

Não é possível apreciar aqui cada um dos capítulos que compõem o volume. Contentemo-nos, pois, com algumas observações. A contribuição de Trimborn, vazada em estilo escorreito e elegante, é uma pequena obra prima em que se expõe, de maneira magistral, não somente, como sói acontecer, o antagonismo entre as teorias etnológicas que se sucederam no decorrer do tempo, mas também, e especialmente, a concatenação histórica responsável pelos seus pontos de contacto e de confluência, de modo que o jôgo de perspectivas e de princípios metodológicos não se apresenta ao leitor como um conjunto de ensaios desconexos ou contrários. Demonstra que as diferentes linhas de exploração, longe de excluírem uma à outra, tendem a constituir-se, cada vez mais, num sistema capaz de nos aproximar de uma visão integral da cultura e das culturas como expressão da natureza humana. Thurnwald, que fôra o editor da segunda edição do "Lehrbuch der Völkerkunde" e que faleceu em idade avançada antes que